

A POESIA, O “EU” E AS VELHICE(S): O ENTRELAÇO DE UMA “NOVA” FERRAMENTA DA CIÊNCIA¹

Ms. Juliana de Aquino da Fonseca Doronin²
Dra. Silvana Maria Corrêa Tótora³

RESUMO

O presente texto trata-se de recorte, adaptado de parte do texto da tese em construção do projeto de pesquisa no nível de doutorado em andamento, intitulado: “A arte de viver: experiências universitárias com educação aberta às velhices” (PUC-SP), sobre algumas experiências de Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATIS) no Brasil nas IES no Paraná (UNATI e UNESPAR). Nesse recorte, foi utilizado o método qualitativo, através da revisão bibliográfica, trazendo trechos no formato de rima, utilizados na tese, ilustrando a possibilidade da criação e recriação, através da poesia, como “nova” ferramenta da ciência. Essa experimentação através da declamação, em partes da tese – introdução, abertura dos capítulos e parte três do texto, além da conclusão-, nos possibilitou romper com formatos de textos cartesianos e trazer alguns elementos apreendidos na nossa pesquisa empírica, nos permitindo refletir, problematizar e criar, novas formas de perceber a velhice enquanto existência numa perspectiva de política da vida.

Palavras-chave: velhice/envelhecimento, poesia, ciência, arte, universidade aberta a terceira idade.

INTRODUÇÃO⁴

A inspiração da poesia popular utilizada, expressa uma dinâmica diferenciada, capaz de motivar e ser motivada, a desconstruir parcialmente, a formalidade das estruturas acadêmicas, mantendo a essência das introspecções e singularidade.

Fui impactada nesse processo de doutorado por uma força que me desafiava a romper com tudo que aprendi até então e que já não faziam mais sentido para mim, me fazendo pensar que se os textos puramente cartesianos já não tinham mais significado para mim, provavelmente não fariam muito sentido para os leitores, pesquisadores ou simplesmente

¹ Financiado atualmente pelo CNPQ, o texto trata-se de recorte adaptado da tese em construção intitulada: “A arte de viver: experiências universitárias com educação aberta às velhices” (PUC-SP), aprovado em exame de qualificação realizada em 04 de Junho de 2020.

² Assistente Social; Mestra em Ciências Sociais (UEM) e bolsista do CNPQ como doutoranda vinculada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PUC-SP). E-mail: julianadoronin@hotmail.com

³ Orientadora; Profa.Dra.do Departamento de Política e dos programas de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais e de Gerontologia da PUC-SP; Pesquisadora do Núcleo de Arte, Mídia e Política - NEAMP - E-mail: silvanatatora@gmail.com.

⁴ Parte dessa introdução foi adaptada do preambulo da tese de doutorado em processo de construção.

“curiosos”, que queiram refletir sobre esta tese, me deixando, portanto numa “encruzilhada” e entrei num “embate de força” e “contra-força”, que me fez descobrir o talento expressado até aqui através das epígrafes dos capítulos e agora, nessa terceira parte do texto, o talento de conseguir pensar e expressar o conhecimento apreendido nessa pesquisa, recriando-o, através da arte das rimas, poesia e do cordel encantado, fazendo ciência, porém com pulsão pela criação e recriação.

Nessa caminhada cruzei com a leitura de alguns autores que me impulsionaram, por exemplo, Dyson (2009). Ele me inspirou a liberdade de incluir nesta tese, as minhas poesias, minhas criações e recriações, como “nova ferramenta da ciência”: [...] “os cientistas devem ser artistas e rebeldes, obedecendo aos próprios instintos” (p. 164; 2009); [...] “os cientistas são homens comuns, nem demônios, nem santos, mas seres humanos que compartilham as fraquezas comuns da nossa espécie” (Op.Cit, p.165); [...] “A ciência é uma forma de arte, não um método filosófico. Os grandes avanços científicos em geral resultam de novas ferramentas” (Op.Cit, p.166), encontrei aqui a possibilidade de interlocução entre o erudito e o popular!

Há de se esclarecer que poesia segundo Auden (2014, p. 201), não é mágica: “Na medida em que se pode dizer que a poesia, ou qualquer outra arte, possui um propósito velado, para dizer a verdade, desencantar e desintoxicar [...] a arte da literatura, oral ou escrita, é ajustar a língua de forma que ela dê corpo ao que indico”.

Dessa maneira, a poesia, passa a ser, para mim, uma “nova ferramenta” de fazer ciência, na qual me sinto inspirada a incorporá-la à estrutura dessa tese, que acompanha três movimentos de pensamento a partir do “como”: 1) Como a velhice se introduziu no debate das políticas públicas e educacionais?; 2) Como essa política se insere dentro de uma política de gestão no governo de condutas?; e 3) Como são adotados essa política em modos de experiências de vida (de modificações)?

Dessa forma, a poesia, pode ser percebida como uma provocação à ciência enquanto verdade objetiva, nos fazer refletir, através de suas rimas, sobre as percepções encontradas no universo empírico dessa pesquisa.

Ainda segundo AUDEN (op cit), escrever um poema é escrever duas musas, pois a escrita poética é diferente da escrita literária, no qual o verso é superior a prosa e o poema é algo que instaura uma nova versão de mundo.

Na França a reforma do ensino médio no século passado queria voltar a ensinar poesia, pois foi percebido que independente do curso em questão a poesia é inspiração para a

apreensão do conhecimento, criado que se distingue do conhecimento reproduzido e/ou copiado, dando lugar para novas inspirações e motivações inconscientes de aprendizado.

Dessa forma, através da poesia do cordel, inspirada “veia nordestina”, o desafio fascinante de trabalhar elementos da velhice /envelhecimento numa nova versão.

A origem da etimologia da palavra cordel, é ambígua, porém alguns achados⁵ mencionam que essa literatura “[...] teve início no século XVI, quando o Renascimento passou a popularizar a impressão dos relatos que pela tradição eram feitos oralmente pelos trovadores e que essa tradição vem da Europa. No século XVIII esse tipo de literatura já era comum, e os portugueses a chamavam de literatura de cego, pois em 1789, Dom João V criou uma lei em que era permitido à Irmandade dos homens cegos de Lisboa negociar esse tipo de publicação. No início, a literatura de cordel também tinha peças de teatro, como as que Gil Vicente escrevia. Esta literatura foi introduzida no Brasil pelos portugueses desde o início da colonização.

Desde o ano de 2010⁶, foi encaminhado pela ABCL-Academia Brasileira de Cordel ao IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico Nacional, o pedido do registro para a literatura em cordel, ser reconhecida como patrimônio.

O cordel, contribui com discussões em vários campos e áreas de conhecimento, como: história, sociologia, antropologia, psicologia, serviço social, economia, política entre outras, não sendo exclusiva de nenhuma delas, mas ao mesmo tempo contribuindo com todas.

Para ser reconhecido como patrimônio, a literatura de cordel, necessitou esta adequada às características das referências culturais a fim de ser reconhecido e registrado, no qual para análise e identificação do bem necessita atender as três primeiras dimensões (expressiva/estética/histórica) que dizem respeito ao que seriam as principais características das referências culturais e as três seguintes (dimensão comunitária, memorial-indenitória e pragmática), no qual abordam diretamente os efeitos de tais referências. Destacamos a dimensão estética, por identificarmos como a escrita dessa tese.

[...] “a palavra gera convívio e é gerada pelo convívio. É ela que assegura a interação social e, nesse processo, qualifica coisas e práticas, estimulando distinções e seleções segundo a presença de atributos capazes de aguçar a percepção. Distinguindo, por exemplo, efeitos instrumentais de efeitos expressivos, isto é, diferenciando **(pela experiência, sem precisar racionalizar) o que nos faz entrar em ação e o que nos faz entrar em consciência** - ou então, mais comumente, integrando-os unitariamente na mesma coisa ou prática. **Os efeitos expressivos é que induzem, no cordel, a que a comunicação seja realizada com mais**

⁵ Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/literatura-de-cordel/>. Acessado em 12 de Dezembro de 2019.

⁶ Processo N. 01450.008598/2010-20

intensidade, por derivar de um contexto de emoção e afeto [...]É isso que a métrica e a rima do verso procuram fazer, criando um clima sensível para que a “oração” se complete esteticamente, isto é, mobilize todas as percepções disponíveis para provocar entendimento e emoção[...]Não é por acaso que os principais vocábulos usados para definir aspectos do cordel tenham uma carga importantíssima de sensorialidade, corporalidade.[...] É literalmente apropriado, assim, dizer que a palavra do cordel é palavra corporal, sensorial - em suma, estética - pois ela tem como nos mover, tocar, empurrar, mudar de posição”. MENESES (2019, p.p 335). (grifo nosso)

A literatura em cordel é provocativa e sedutora, e pode ser usada em diversos espaços que lidam com o real e o imaginário das pessoas, através das reinvenções e do enfiamento de questões múltiplas e singulares.

Por vezes ela pode ser interpretada como sendo a possibilidade de uma “rota de fuga” para situações de conflito, porém; tem quem diga ser o contrário, ou seja; uma alternativa estratégica de atividade criativa para tomada de decisão; exposição de argumentos; manifestação do que se acredita e defende.

Atualmente a poesia, é utilizada em diversos espaços formais, a exemplo da famosa petição intitulada HABEAS PINHO⁷ que ocorrera em 1955 em Campina Grande-PB⁸. Além de outras mais recentes em diversos tribunais judiciários⁹, através de várias petições¹⁰ e decisões de magistrados¹¹; em rituais de colação de grau através de discursos calorosos de formandos (a) a exemplo da poerídica (poesia jurídica)¹² e outros¹³; em interpretações legislativas¹⁴ e inclusive em trabalhos¹⁵ da academia, não necessariamente associados aos cursos de literatura.

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/Wbe-YEUhx0g> . Acesso em 12 de dezembro de 2019.

⁸ Consta que a motivação para o documento foi o fato de que, em 1955, um grupo de boêmios de Campina Grande fazia serenata numa madrugada do mês de junho, quando chegou a polícia e apreendeu... o violão!... Decepcionado, o grupo recorreu aos serviços do advogado Ronaldo Cunha Lima, na época recentemente saído da Faculdade, e que também apreciava uma boa seresta. Ele peticionou em Juízo, para que fosse liberado o violão. Aquele pedido ficou conhecido como “Habeas Pinho” e enfeitou as paredes de escritórios de muitos advogados e bares de praia, no Nordeste Brasileiro, disponível em: <https://obemviver.blog.br/2014/10/31/habeas-pinho-uma-peticao-poetica-para-liberar-um-violao-genial/> Acesso em 12 de dezembro de 2019.

⁹ Disponível em : <https://marcosmairton.jusbrasil.com.br/artigos/206897098/uma-peticao-em-versos-para-um-poeta-juiz>. Acesso em 12 de Dezembro de 2019.

¹⁰ Disponível em: <http://www.tjto.jus.br/images/NOTICIAS/PDF/2015/contestacaoexcecaoverso.pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

¹¹ Disponível em: <http://www.tjto.jus.br/images/NOTICIAS/PDF/2015/decisaoexcecaoverso.pdf>. Acesso em 12 de Dezembro de 2019.

¹² Pelo escritor, poeta e advogado. Idealizador do projeto "Poesia Jurídica" (poesia jurídica) (fb.com/poesiajuridica). Vencedor do Prêmio Nacional UFF de Literatura 2009 e do IV Prêmio Moledo Sartori de Monografia Jurídica 2012. Servidor Público e pós-graduado em Gestão Pública na Escola de Contas e Gestão do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em : <https://youtu.be/e5z38TL6ltU>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

¹³ Disponível em: <https://universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/o-cordel-da-formatura/>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mmi7YTydxmM>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

Escolhemos a poesia, para compôr parte da tese, e contribuir para explicitar sobre os impactos dessas experiências (UNATI/UEM e Viver Melhor/UNESPAR) na vida dos sujeitos participantes das experiências. Afim, de percebermos se essas experiências, para os participantes, agem como dispositivos de controle e reprodução do que está posto – nas legislações e no “engessamento” de normas e padrões – ou como possibilidade de criarem uma singularidade de existência, isto é, tornando-os capazes de se reconhecerem como artistas na condução de suas próprias existências, inventando regras facultativas capazes de resistir aos poderes que os aprisionam, na perspectiva da estética da existência¹⁶, como política não gerida, enfim, a política de vida, perspectiva que nos associa à Tótorá (2015)¹⁷.

Compartilhando, portanto, com a ideia da tese como “obra inacabada e aberta à vida”, foi chegada a hora de escrever. Contando com ajuda dos passos no roteiro de pesquisa, proposto por Calvino (1990)¹⁸, sobre a estrutura da tese para o próximo milênio, destacamos alguns elementos necessário como “[...] leveza; rapidez; exatidão; visibilidade; multidisciplinaridade e consistência”. E as sugestões de NEVES (2001, p. 180):

[...] é preciso romper com o véu protetor das estruturas disciplinares, ignorando as rígidas fronteiras que impedem a produção compartilhada do saber, inclusive entre as ciências exatas, ciências naturais e ciências humanas e sociais. Além disso, ousam propor uma nova perspectiva pluralista e, portanto, universalista de difusão do conhecimento, para além das fronteiras acadêmicas e universitárias. Para tanto, sugerem: – ligação mais sólida entre ensino, investigação e sociedade; – maior liberdade dos pesquisadores em relação a cânones préestabelecidos; – vinculação umbilical entre os investigadores e a realidade a que estão integrados; – rompimento com idéias que afirmam a possibilidade da neutralidade no terreno da epistemologia; – ultrapassagem das divisões estanques de domínios supostamente autônomos do político, do social, do econômico e do cultural. Apresentam ainda as seguintes proposições, como desdobramentos necessários das propostas nucleares que integram sua visão epistemológica acima discriminada: adoção de uma perspectiva transdisciplinar; recusa da distinção ontológica entre ser humano e natureza; rompimento com moldes analíticos presos aos estados nacionais (visão estadocêntrica), através da afirmação de uma nova lógica, traduzida pelo seguinte postulado: “Pensar globalmente; agir localmente”; rompimento com fórmulas de pensamento endocêntricas, como, por exemplo, o eurocentrismo; adoção de posturas de índole mais “multicultural” ou “intercultural”; respeito aos particularismos, através da consciência de que o universal apresenta-se amalgamado por um conjunto de pluralidades; rompimento com a visão dicotômica que contrapõe objetividade a subjetividade.

¹⁵ Disponível em:

<http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/GIZELIA%20FERREIRA%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

¹⁶ Conceito formulado por Foucault.

Nesse momento, suspiro e penso, em tudo que vivi até aqui e o desejo de escrever o texto (a “temida” tese), estruturando-o de forma que atenda aos meus anseios de pesquisadora e dos (a) pesquisados (a).

Uma estrutura de texto que expresse toda dinâmica da pesquisa, aliado a capacidade de motivar e ser motivado, de criar e recriar novos conceitos, novas alternativas, novas possibilidades.

Eis que vivo um momento de introspecção, singularidade e *solitude*!

Nesse sentido reflito: quais as subjetivações presentes na minha pesquisa? Que forças me impactam? Que forças me estimulam? Quais as forças que me aprisionam? Quais as forças que me provocam? Que forças me afrontam?

Todas as perguntas e respostas impulsionam-me a lutar por mais potência e, dessa forma, vencer o desejo de romper, em parte, com os formatos tradicionais de estrutura de tese que já vi até hoje no mundo acadêmico.

Fui impactada nesse processo de doutorado por uma força que me desafiava a romper com tudo que aprendi até então e que já não fazia mais sentido para mim, me proporcionando a reflexão de que, se os textos cartesianos já não tinham mais significado para mim, provavelmente também não fariam sentido para os leitores, pesquisadores ou simplesmente curiosos, que queiram refletir sobre minha tese. Isso me deixou, portanto, em uma “encruzilhada”.

Entrei em um “embate de força” e “contraforça”, que me fez descobrir um talento: o de conseguir pensar e expressar o conhecimento apreendido nessa pesquisa, recriando-o, através da arte das rimas, poesia e do cordel encantado.

Encontrei, assim, na minha “veia nordestina”, à saída para “encruzilhada”, justificada pelo estereótipo do “ser nordestino”, como “guerreiro e criativo”, que foi desafiador e inspirador... foi fascinante!

Mantive-me no desejo de fazer ciência, sim, porém, com pulsão pela criação e recriação.

Nessa caminhada cruzei com a leitura de alguns autores que me impulsionaram, por exemplo, Dyson (2009)¹⁹. Ele me inspirou a liberdade de incluir nesta tese, as minhas poesias, minhas criações e recriações, como “nova ferramenta da ciência”: [...] “os cientistas devem ser artistas e rebeldes, obedecendo aos próprios instintos” (p. 164; 2009); [...] “os cientistas são homens comuns, nem demônios, nem santos, mas seres humanos que compartilham as

fraquezas comuns da nossa espécie”(Op.Cit, p.165) ; [...] “A ciência é uma forma de arte, não um método filosófico. Os grandes avanços científicos em geral resultam de novas ferramentas” (Op.Cit, p.166) , encontrei aqui a possibilidade de interlocução entre o erudito e o popular!

Há de se esclarecer que poesia segundo Auden (2014, p. 201), não é mágica: “Na medida em que se pode dizer que a poesia, ou qualquer outra arte, possui um propósito velado, para dizer a verdade, desencantar e desintoxicar [...] a arte da literatura, oral ou escrita, é ajustar a língua de forma que ela dê corpo ao que indico”.

Dessa maneira, a poesia, passa a ser, para mim, uma “nova ferramenta” de fazer ciência, na qual me sinto inspirada a incorporá-la à estrutura dessa tese, que acompanha três movimentos de pensamento a partir do “como”: 1) Como a velhice se introduziu no debate das políticas públicas e educacionais?; 2) Como essa política se insere dentro de uma política de gestão no governo de condutas?; e 3) Como são adotados essa política em modos de experiências de vida (de modificações)?

A caminhada da tese pretende perceber se essas experiências as quais os sujeitos idosos participam, alteraram a vida deles e suas relações na perspectiva do conhecimento, da família, das amizades, possibilitando algo novo no cotidiano ou se essa participação apenas reproduz o que está posto, em um formato engessado e “longe” das singularidades e multiplicidades.

Sem medo de cometermos “ecletismo teórico” sobre os referenciais da pesquisa, optamos por não seguir uma única linha de conhecimento ou uma única linha teórica, pois acreditamos que não existe conceito simples, qualquer conceito sempre tem o contorno irregular, como um todo fragmentado que se complementa com outros, haja vista que a característica da totalidade nunca é idêntica.²⁰

À vista disso, compreendemos que o caminhar da nossa pesquisa se deu no entrelaço do universo da ciência, arte e filosofia, pois as narrativas e nossas observações nos impulsionaram para esse movimento, diante do sistema dinâmico, complexo e imprevisível da realidade.

METODOLOGIA

No recorte desse artigo adaptado de parte do texto da tese em construção, o método qualitativo, através da revisão bibliográfica, trazendo trechos no formato de poesia, utilizados na tese, ilustrando a possibilidade da criação e recriação, através da poesia, como “nova”

ferramenta da ciência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na introdução, abertura de cada capítulo e parte III da tese, conforme explicitamos à seguir; foi utilizada declamações, como possibilidade de criar e recriar novos conceitos, novas alternativas e possibilidades, da velhice /envelhecimento, por meio da poesia.

As velhices têm poder,²¹

*Por vezes sujeitado,
Ao capital humano,
Fabricado pelo Mercado!*

*Sujeitado também,
aos Estatutos Jurídicos,
De códigos de conduta,
Pouco esclarecido,
Padronizando o “rebanho”
E o tornando “emburrecido”!*

*Talvez a saída esteja,
No artista legislador,
Sujeitado à existência,
Na alegria, ou na dor!²²*

*A Unati nasce na França,²³
E depois no Uruguai,
E no Brasil têm mais de duzentas,
Desde a década de oitenta.*

*Os velhos no Brasil,
São chamados de idosos,
Melhor Idade, Terceira Idade ou Maturidade,
Tudo tá restrito apenas à idade.*

*Estão nas Universidades,
No Ensino Informal das Unatis,
Na Educação permanente,
pra toda Vida.
Motivado pelo conhecimento,
do dia a dia.*

*Faltam dados transparentes,
No Censo da Educação,
Interferindo nas Políticas Públicas,
E orçamentos em questão.*

*Reforçando a desigualdade,
Permitindo à concentração,*

²¹ Na abertura da introdução da tese.

²³ Abertura da Parte I: Capítulo I- Panorama das experiências educacionais voltadas para população idosa no Brasil

*Da Educação nas grandes cidades,
Reforçando o preconceito,
Do capitalismo no sujeito²⁴.*

*Duas experiências com velhos,²⁵
De tamanhos diferentes,
Pertencem ao ensino não- formal,
Da educação permanente!*

*De um lado a Unati,
Com aulas e Roda de conversas,
Acontecem na Uem,
Há mais de uma década!.*

*Do outro lado o Viver Melhor,
Que pouco tempo durou,
Mas aqui, lá e acolá deixou,
A essência da sua existência!*

*Pra quem sabe um dia recomençar,
E quem sabe lá mesmo voltar,
Praticando Cidadania,
Com efervescência!²⁶*

*O conhecimento²⁷,
Para uns é mais razão,
Para outros é emoção,
Enquanto ato de criação!*

*O conhecimento hoje é usado,
Na reprodução do capital,
Formando homens para o mercado,
Da mídia e do imediato!*

*Eis um “flecho de luz” que ora avistamos,
Velhos e velhas no descompasso
Dessa lógica desastrosa,
Desse mundo “mediatizado”!*

*Esses velhos vivenciam,
Nesses mesmos espaços,
A ideia do conhecimento,
Longe do imediato!*

*O conhecimento permanente,
Expressado nas vivências,
Do ato em si,
Enquanto vontade de potência!*

À velhice é percebida²⁸,

²⁵ Abertura do Capítulo. II- Conhecendo os dois projetos

²⁷ Abertura da Parte II: Capítulo III- “Universidade dos Idosos”

*Como fato, corpo e finitude.
Afirmação, castigo ou negação,
À velhice é destinação!*

*É momento, pulsão e emoção,
Longe de qualquer razão,
O velho de hoje é o jovem de ontem,
Que carrega à longevidade,
Como uma grande questão!*

*A ciência não dá conta sozinha,
De manter a longevidade hoje,
Pois importa também atitude,
Que precisa ter a juventude!*

*À velhice como Política de vida,
É um apanhado de experimentos múltiplos,
No qual à potência é percebida,
Pela reinvenção artística,
Dos que foram ontem, juventude!*

*A política é coisa antiga²⁹,
Ela tá em todo lugar,
Ela mexe com a vida,
Do sujeito popular!*

*A política de conduta,
Determina normas e modelos,
Para todo o povo seguir,
O povo do mundo inteiro!*

*No entrelaço da política de governo,
De Estado ou Nação,
Que gesta e legisla,
A vida da população!
Os direitos conquistados,
Não podem ser apagados,
Mas de que adianta,
Se corre o risco de ser violado?!*

*Cabendo aos velhos e as velhas,
Criarem às suas próprias estratégias,
Resistindo a essa política que engessa,
E que nada liberta!*

*Dando lugar à política da vida,
Do ato da recriação,
Criando suas próprias regras,
Sem precisar de autorização!*

Para viverem à existência,

²⁸ Abertura do Capítulo IV- Velhice (s) e suas Expressões:

²⁹ Abertura do Capítulo V- A “POLÍTICA” E SUAS SUBJETIVIDADES

*Do momento e da inspiração,
Elegendo suas prioridades,
Da sua própria vida, em questão!*

Percebemos que a grande característica que a poesia trás está na inspiração que a move ou é movida e principalmente no desejo inconsciente que atende a pulsação da criação, através das obras : A Velhice, Nietzsche e Eu³⁰ e Tempo e Velhice no Século XXI³¹ , que compõe a terceira parte da tese.

Figura 1- Capa livro Cordel



Fonte: Arquivo Pessoal Digital .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experimentação através da declamação da poesia, em partes da tese em processo de construção, nos possibilitou trazer alguns elementos apreendidos na nossa pesquisa empírica, nos permitindo refletir, problematizar e criar, novas formas de perceber a velhice enquanto existência numa perspectiva de política da vida.

*A liberdade que me permite,
Esse ser bifurcado,
Finalizar esse texto,
Depois de tanto tempo,
Despedindo-me de vocês!*

³⁰ DORONIN (2017 e 2018), Obra- “A Velhice, Nietzsche e Eu”(Figura 1) , publicada na versão impressa e digital , resultante de avaliação de disciplina do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais no nível de doutorado da PUC- SP, intitulada “Nietzsche- Vida, tempo e política” ministrado pela Profa Dra. Silvana Totóra (orientadora dessa tese), no semestre 2017-1. Feito no formato de Cordel, aproximando o popular do erudito. Revisada as rimas pelo Sr Gonçalo Ferreira da Silva (presidente da ABLC). O cordel expressa interlocuções trazidas na vida e algumas obras de Friedrich Nietzsche trabalhadas pela disciplina, a saber- Segunda consideração intempestiva; Genealogia da Moral-uma polêmica; a idéia do Eterno Retorno na Gaia Ciência ; Além do bem e do mal e do mal e no Assim falou o Zaratrusta- como também nas discussões em sala de aula que muito contribuíram para análise. Pudemos através do curso desmistificar o Nietzsche por nós até conhecido, ampliando nossa visão e quanto é possível, a partir de suas obras trabalhamos em diferentes perspectivas, seja filosófica, nas ciências sociais, ou até mesmo na política. Sobre a obra, disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV075_MD4_SA10_ID590_0407201713003_1.pdf. Acesso em 12 de Dezembro de 2019.

³¹ Doronin; Araújo (2019). Tempo e Velhice no Século XXI. Revista Conviver- Unimed , Campina Grande (PR), Brasil. Jan 2019, Ano XI, nº22, p.p .54-55, 2019.

*No tempo que me perdi,
No tempo que me redescobri,
No tempo de quem não tem tempo,
Dando tempo ao momento,
No ato de resistir!*

*E quem sabe um “até breve”,
Já que a ciência se movimenta,
E temos a sensação,
De que outros trabalhos,
A partir desse, virão!*

*Já que esse não tá acabado,
Pois é complexa, “a questão”.
A velhice e o envelhecimento,
Enquanto atividade criativa,
Não se acaba, não!*

REFERÊNCIAS

AUDEN, W.H. “Escrever”. Tradução José Rubens Siqueira. *Serrote*, v. 16, março 2014, pp.185-201. São Paulo; Instituto Moreira Sales.

CALVINO, I. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DELEUZE; GILLES; GUARRARI Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado r/Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Ed 34, 1994. Cap 2. O que é conceito? Pp.25/4.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'abécédaire de Gilles Deleuze*. Paris: Éditions Montparnasse, 1994.

DORONIN, Juliana A. F. *A Velhice, Nietzsche e Eu*. 001. ed. MARINGÁ: Sinergia Casa Editorial, 2018. 24p.

_____, Juliana A. F, Giovanna Araujo. “Tempo e Velhice no Século XXI”. Revista Conviver- Unimed, Campina Grande (PR), Brasil. Jan 2019, Ano XI, nº22, p.p.54-55, 2019.

DYSON, Freeman. “O cientista rebelde”. *Em serrote*. V.3; tradução Cristina Fino et ali. São Paulo: Instituto Moreira Sales, nov.2009, pp.155-167.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 72, p. 225-244, abr. 2019.

PRIGOGINE, IYIA; STENGERS, Isabelle. *A nova aliança: Metamorfose da Ciência*. tradução Miguel Faria, Maria Joaquim Machado Trancheira. Brasília: Editora da UBN, 1984. Conclusão: O reencaminhamento do mundo, p. 203-226.

TÓTORA. Silvana. *Velhice: Uma estética da existência*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. Fund. Gunbelkian. Para abrir as Ciências Sociais. São Paulo: Cortez, 1996. Resenha de: NEVES, L.A. Novas propostas metodológicas em Ciências Sociais: os desafios da história oral. Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, v. 4, p. 178- 182, 2001